

A Imagética Feminina na Obra de Luís da Câmara Cascudo (1938-1977)

Giuseppe R. P. L. de Oliveira

As construções discursivas em torno da sensibilidade feminina contemporânea, afirmam que as mulheres estão cada vez mais independentes; trabalham, estudam, escolhem seus amores, enfim estão em franca competição com os homens. Porém, acreditamos que isso não é uma realidade para todas as mulheres brasileiras do nosso tempo, quantas não estão excluídas deste ideal de cidadania? Se nos voltarmos ao Brasil do final século XIX e início do século XX, percebe-se que essas ações foram idênticas. Estavam elas presas ao jogo de relações de poder cuja fragilidade do gênero feminino na ordem patriarcal, limitou a condição das mulheres ao papel singular da maternidade e do selo doméstico.

A exemplo desse papel-arquétipo histórico da figura da mulher, as obras do folclorista Luís da Câmara Cascudo dão ênfase à identidade matriarcal. Nesse sentido, ao analisarmos alguns artigos do Jornal *A República* de Natal RN (Acta Diurna anos 1938, 1941 e 1949) assim como as obras literárias: *Pequeno Manual do Doente Aprendiz* (1969); *Tradição, Ciência do Povo* (1971), *Locuções Tradicionais do Brasil* (1977), percebe-se a valorização desta identidade de cunho aristocrático de prática matriarcalista, considerado pelo mesmo como a mais próxima representação das mulheres nordestinas.

Ao longo de nossas investigações detectamos que o modelo de exterioridade “natural” do gênero feminino no Nordeste, por sua vez, não se trata de uma condição dada a priori; como se fosse algo anterior a cultura que lhe dá significado. Surgem então, em contraponto ao velho modelo patriarcal, as novas subjetividades femininas que, devido ao processo de urbanização, e as constantes inovações comportamentais da modernidade tais como: a inclusão da mulher no mercado trabalho, a reorganização

nuclear da família burguesa, as tendências da moda, as idéias do movimento feminista, cuja recorrência resultou na criação de uma suposta nova imagética feminina ¹.

Desse modo, acreditamos que o corpo é a superfície de escrita dos acontecimentos históricos, sendo o lugar de dissociação do “Eu”, não tendo ainda, portanto, um caráter de unidade substancial ².

Com efeito, observamos que o estereotipo produziu um olhar e uma fala produtiva agenciando formas de expressão capazes de materializar subjetividades femininas comuns ao que Câmara Cascudo acentuou em suas obras: a cultura-popular-nordestina ³.

Observamos que em alguns aspectos da obra de Câmara Cascudo, há de fato uma valorização deste tipo feminino ideal, no interesse de re-instituir a antiga imagem da ordem patriarcal, e ainda na tentativa de salvar sua região do então processo de feminilização em andamento. Fenômeno detectado a partir da Republicanização da elite brasileira e dos projetos de modernização em voga.

Percebemos estas imagens que dão visibilidade ao sujeito feminino foram geradas a partir de uma economia heterossexualizante ⁴, e essa imagética do feminino, presente em sua obra, aparece como crítica às sensibilidades modernas de “feminino”, e pode, ser compreendida a partir do conceito de “cultura-popular-nordestina”, formulado por Câmara Cascudo. Também tivemos a intenção de investigar se estas imagens contribuíram para a manutenção do poder “masculino” ⁵ exercido por esta elite local; e se podem ser consideradas como estratégias de perpetuar privilégios e lugares sociais, ameaçados no limiar da República.

O sujeito feminino, gestado na produção discursiva de Câmara Cascudo, será elaborado a partir das imagens cristalizadas de mulheres em relação ao casamento e à maternidade, estando sempre inseridas no interior da família sob o julgo do patriarca ou de um outro homem de seu clã:

A Ressuscitada de Cunháu se defendia tenazmente. Enumerava, detalhes da casa de sua família, particularidades domésticas, anedotas privadas, desnortando o auditório. Indicou um sinal roxo, bem visível que sua mãe teria no alto da perna direita. Anacleto José de Matos tinha uma cicatriz em meia – lua, em cima do mamilo esquerdo. Era vestígio de uma dentada que ela lhe dera em certa ocasião. (...)

(...) O Comendador, furioso pela curiosidade publica e fremente de indignação pelo atrevimento do dr. Rigueira Costa, sonhar examinar a respeitável, coxa de dona Joana Albuquerque Maranhão, dizia que ‘*só depois de passar por cima do seu cadáver*’⁶.

Os detalhes íntimos do corpo da mãe da “Ressuscitada” podem exemplificar o simulacro que representavam as mulheres no Nordeste aristocrático. Podemos observar de maneira mais clara, a partir da indignação sentida pelo comendador. Por intermédio do que flagamos, ao nos debruçarmos sobre o artigo escrito por Câmara Cascudo, vemos ser reproduzida uma economia heterossexualizante que depende essencialmente, de uma economia da *diferença* nunca manifesta, mas sempre pressuposta. Com efeito, as relações entre essas famílias patriarcais são baseadas em um desejo homossocial, de uma sexualidade *recalcada*, relações entre homens que, em última instância, concernem a laços entre os mesmos, mas que ocorrem por intermédio da troca e da distribuição heterossexual das mulheres. Dessa forma percebe-se que, o poder está contido no fator masculino desta sociedade, de homens que controlam mulheres e filhos, assim como as oligarquias locais.

Segundo Miridan Knox Falci, pode-se encontrar facilmente amontoados de retratos de família do interior do Nordeste, estão elas sempre ali; horas em pé horas sentadas, sempre ao lado de seus maridos e filhos. Essas mulheres das elites aristocráticas, tão estimadas por Luís da Câmara Cascudo, eram mulheres abastadas, que não tinham muitas atividades fora do lar. Restringiam-se apenas a desempenhar os papéis de esposa e mãe, ordenando fazer, ou fazendo as prendas domésticas, tão importantes para a economia do lar.

Outras não tão afortunadas, viúvas ou de elites empobrecidas, desenvolviam algumas atividades – como fazer doces, dar aula de piano e solfejo, bordados, etc, para poderem auxiliar o sustento e educação de suas numerosas proles. Estas atividades desenvolvidas para comercialização não eram bem vistas por esta sociedade. Isso porque, tornavam-se quase sempre alvos da maledicência, por parte de homens e mulheres, que acusavam a incapacidade do homem da casa, assim como sua decadência econômica. Era até bem comum nesse tempo a afirmação de que “mulher não precisava de dinheiro”, tendo em vista que os *maridos* tudo lhes “proporcionavam”⁷.

No que concerne à questão da maternidade na obra de Cascudo, depreende-se, a partir de um fragmento do *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*⁸, que à função materna caberia a conservação e o prolongamento da unidade familiar, aproximando solidariamente criaturas estranhas ao vínculo do sangue.

O instinto maternal apresenta-se nos discursos cascudianos como uma prática envolvente, que as mulheres sentiriam e expressariam desde a infância, nas brincadeiras de bonecas. Não se constitui segundo o seu argumento, em um atributo congênito ao sexo, mas sim, em um imperativo, que o folclorista acreditava se daria no plano psicológico. Divagando sobre a temática aqui discutida, Câmara Cascudo se sente incomodado com as constantes evoluções nas polítics de natalidade, vendo que muitas mulheres, interessadas nas delicias da vida dos salões faustosos da cidade, suas efemeridades, seus gostos sofisticados; não mais subjetivavam essa condição “natural” de feminilidade: Mas, *a sucessora vai ser mãe. A primeira esposa, senhora de salão, e de recepção, de alta elegância, não tivera a suprema autoridade feminina, para a vida e para o marido. Desde esse momento, Marina é uma triunfadora. Alice, a antecessora, não fora, e não podia ter sido, uma mulher feliz. A felicidade integral só viera na plenitude da maternidade, com todos os calores afetivos e transformadores*⁹.

Cascudo, sugere que o que estava acontecendo, seria devido a constante inserção das mulheres no espaço público da cidade, assim como em atividades tidas como masculinas. (CASCUDO, 1969, p.38).

Portanto, vemos que o folclore aparece nos discursos cascudianos como elemento de integração do povo nesse todo que seria a cultura popular. O que facilitou a absorção da identidade regional feminina pelas mulheres das camadas que buscavam integrar a nova sociedade. Sendo, portanto, esses discursos uma forma de disciplinarização, de educação e de formação de uma ordem compulsória binária dos gêneros a partir da elaboração de uma essência regional “feminina”, capaz de eliminar o trauma trazido pela sociedade moderna. Salvando as formas de ser masculinas e femininas tradicionais do perigo da confusão dos gêneros no limiar da República. Atribuindo-lhes uma pretensa continuidade, como estava fazendo com as práticas e costumes populares ¹⁰.

É essa característica que, na obra de Câmara Cascudo, conduz em boa parte, a interpretação de textos, gestos, falas, e costumes, organizando um corpo simbólico que autoriza o conhecimento do Mundo. Mundo, que se desdobra em si mesmo: terra repetindo o céu, os rostos se refletindo nas estrelas, as ervas envolvendo em suas folhas os segredos de uma sexualidade “feminina” anterior à “cultura - popular - nordestina” ¹¹.

¹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *Nordestino: Uma Invenção do Falo - Uma História do Gênero Masculino* (Nordeste – 1920/1940). Ed. Catavento, Maceió, 2003.

² FOUCAULT, MICHEL. “*Nietzsche, a Genealogia, a História*” In. **Ditos & Escritos Vol. II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Manuel Barros da Motta (Org.). Tradução, Elisa Monteiro. – Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000. p. 266

³ BUTLER, Judith P. ***Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade*** - tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.20.

⁴ O respectivo conceito é utilizado por Judith Butler, e diz respeito à repetição binária dos Gêneros masculino e feminino na sociedade pós-moderna. Ob. Cit.

⁵ BOURDIEU, P. ***A Dominação Masculina***. Tradução Maria Helena Kuhner – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 160p.

⁶ CASCUDO, L. da C. “*Acta Diurna – A Ressuscitada de Cunháu (III)*”. In. **A República**. Natal, 7 de fevereiro de 1941. p.8 col: 4-5. Os grifos são de Luís da Câmara Cascudo.

⁷ FALCI, Miridan Knox. “*Mulheres do Sertão Nordestino*”. In. **História das Mulheres no Brasil.**/ Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁸ CASCUDO, L. da C. ***Pequeno manual do doente aprendiz*** – Ed. Universitária – UFRN, 1969

⁹ CASCUDO, L. da C. “*Acta Diurna – Carolina Nabuco: - ‘A Sucessora’. Romance. Liv. José Olimpio editora. Rio de Janeiro. 1941*”. In. **A República**. 13 de março de 1941. p.12. col: 4-5. Fonte cedida pelo IHGRN. (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte). Os grifos são meus G. R.

¹⁰ ALBUQUERQUE JR., D. M. ***A Invenção do Nordeste e Outras Artes***. Prefácio de Margareth Rago. Recife: FIN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. Ver também, **Nordestino: Uma Invenção do Falo - Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Ed. Catavento, Maceió, 2003. p.p. 77-78

¹¹ CASCUDO, L. da C. ***Tradição, Ciência do Povo***. – Pesquisas na Cultura Popular do Brasil -. Editora Perspectiva, São Paulo. 1971.